

Eu quero saber - Por que aqui eles não gostam de gordo, de magro, de quem tem cabelo duro, e principalmente de quem é gay e lésbica? A relevância da sexualidade no espaço educacional.

Autora: Valéria de Matos Oliveira, graduanda do VII Bloco em Pedagogia da UESPI/Floriano.

Orientador: Prof. Msc. Robison Raimundo Silva Pereira.

RESUMO:

O presente trabalho implica em abordar a relevância da sexualidade no âmbito educacional, com os adolescentes, enfatizando o tema como atividade curricular, por conseguinte levantando questionamentos de como a escola lida com essa questão. Para tanto se fez necessária a utilização de dados e categorias teóricas de livros e artigos, tomando de empréstimo as contribuições de vários autores, como Louro (2003), Foucault (2003), Bruns (2010), Nunes e Silva (2001). Já o survey, isto é, levantamentos mais descritivos e também questionários, foram necessários e fundamentais para analisar a percepção dos alunos sobre sexualidade. Compreende-se a partir desse estudo que, a maioria dos jovens trata essa realidade de forma mecânica e muitas vezes inconsequente, pois apesar da globalização em que vivemos, com tantas informações, ainda encontra-se escolas e educadores com dificuldades em abordar a importância da sexualidade. A discussão desse tema é de vital importância, principalmente no âmbito escolar, pois contribui para alertar os adolescentes sobre preconceitos relacionados à orientação sexual e a problemas como: abuso sexual, gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. Portanto, é no campo educacional, que se percebem as dificuldades dos docentes em lidarem com as diversas práticas da sexualidade dos adolescentes, dentro de um contexto contemporâneo. A ausência dos debates contextualizados acarreta um desequilíbrio na formação e construção da identidade, deixando a desejar na estruturação dos diversos aspectos psicológicos, sociais e físicos dos educandos.

Palavra- chave: Escola, Sexualidade, Adolescência.

ABSTRAT

This work involves addressing the relevance of sexuality within educational, with adolescents, emphasizing the theme as curricular activity, therefore raising questions of how the school deals with this issue. For both made necessary the use of data and theoretical categories of books and articles, taking loan contributions of various authors, such as Laurel (2003), Foucault (2003), Bruns (2010), and Nunes da Silva (2001). Already the survey, that is, surveys more descriptive and also questionnaires, were necessary and fundamental to analyze the perception of students about sexuality. It is clear from this study that, the majority of young people this is the reality of how mechanical and often inconsistent, because in spite of globalization in which we live, with so much information, yet is schools and educators with difficulties in addressing the importance of sexuality. The discussion of

this topic is of vital importance, especially within the school, because it contributes to warn teens about bias related to sexual orientation and the problems such as: sexual abuse, unwanted pregnancy and sexually transmitted diseases. Therefore, and in the educational field, that if they perceive the difficulties of teachers in dealing with the various practices of sexuality of adolescents within a contemporary context. The absence of the debates are contextualized causes an imbalance in the formation and construction of identity, leaving the desired in the structuring of various psychological aspects, social and physical of the learners.

Key-word of: School, sexuality, adolescence.

INTRODUÇÃO

Ao tratar do tema – Sexualidade na adolescência em um contexto contemporâneo educacional busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde e que se expressa desde cedo no ser humano.

Trabalhar este assunto no âmbito educacional é despertar o conhecimento significativo, deixando de lado a carência de informações, debatendo esse assunto não apenas nas conversas entre os estudantes, mas discutindo-o como atividade curricular como recomendam alguns especialistas, ora de maneira sistemática, nos conteúdos de ciências e biologia, ora como atividade, através de grupos de debates e de estudo. Ainda existem escolas e educadores que tratam o assunto com pudor e colocam-no em segundo plano, supervalorizando o preconceito contra aqueles que possuem uma orientação sexual não homogênea.

O objetivo desse estudo é aprofundar o conhecimento no campo da educação sexual, promovendo a prevenção, sensibilidade da sexualidade, salientando que ela não diz respeito somente ao corpo - como cada um (a) obtém prazer, mas também aos desejos, fantasias, sensações, sentimentos, o que envolve todo um contexto social, cultural e psicológico.

Percebe-se a necessidade de promover reflexões de equipes pedagógicas, professores, bem como pais e responsáveis, com a finalidade de educar o adolescente para a vivência de sua sexualidade de forma salutar, que venha ser benéfica na construção de sua identidade, conscientizando o jovem de que a mesma é ligada à vida e que não deve ser banalizada.

A utilização de dados e categorias teóricas de livros e artigos, tomando de empréstimo contribuições de vários autores: como Louro (2003), Foucault (2003), Bruns (2010), Nunes e Silva (2001). Já o survey, isto é, levantamentos mais descritivos e também questionários foram necessários e fundamentais para analisar a percepção dos alunos na elaboração deste trabalho.

Ao intensificar a história da sexualidade, relacionando as teorias de Foucault (1988), (Nunes & Silva 2001), Mundo jovem: por relações mais humanas (p.18 março 2011) e PCN (parâmetros curriculares nacionais), fez-se uma análise da importância das práticas pedagógicas no discurso da orientação sexual nas salas de aula.

ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

É sabido que a adolescência é um importantíssimo período do desenvolvimento psicossocial, marcado pela riqueza das transformações corporais, psíquicas e sociais; uma fase cheia de dúvidas, curiosidades e descobertas, e ao se tratar da questão sexo e sexualidade, observa-se ânsia de alguns e pudor de outros.

A maioria das escolas direciona a discussão do tema sexualidade, para as doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, o que não deixa de ser importante, porém existem muitos outros aspectos a serem abordados como: a orientação sexual, a precocidade e frequência das relações, diversidade de parceiros (as), abortos clandestinos, dentre outros, todos de total interesse e importância para os adolescentes.

Entende-se que nessa situação a ausência do contexto psicossocial, histórico e cultural, corrobora para o não desenvolvimento de um conhecimento por completo, a solução provavelmente está no processo educativo; quando sexo e sexualidade forem abordados sem tabus e preconceitos, certamente o jovem passará a ver o sexo de uma forma mais responsável e mais sólida.

Compreende-se que não há uma superação em relação às curiosidades e ansiedades dos adolescentes, pois a escola enfoca o corpo de modo a explicar somente suas funções, estuda-se apenas o aparelho reprodutivo e a reprodução humana com informações de anatomia e fisiologia do corpo, como se fosse algo mecânico, técnico, sem vitalidade, sensações, pulsação, não incluindo a dimensão da sexualidade.

Segundo: Nunes e Silva (2001. p. 12),

Usamos comumente a palavra sexo como identificação biológica dos seres humanos. Nessa definição estão presentes todos os seres vivos que lograram reproduzir-se e garantiram a sobrevivência de sua espécie na rica e grandiosa experiência da vida. A sexualidade [por sua vez] é uma marca humana, vivenciada a partir dos desejos e escolhas afetivas, psicossociais e históricas. Isso significa sua potencialidade sexual da mesma forma que os animais, somente marcados pela determinação natural e instintiva da reprodução. O sexo na sua experiência natural e cultural do homem transformou-se em sexualidade, isto é, foi capaz de assumir qualidades e significados existenciais, sociais, estéticos, eróticos, éticos, morais e até espirituais.

Falar de sexualidade é referir-se a sentimentos, discussões como divisão de gêneros, afetividade, que são fatores fundamentais no desenvolvimento e na vida psíquica do ser humano, deste modo o espaço da mesma vai além do corpo biológico, do que pulsa com suas cargas e tensões com os *locus* das representações mentais, das intersubjetividade, enfim, do desejo e do corpo erótico.

Durante o período da adolescência as opiniões dos jovens são mais intensas em relação às suas dúvidas e comportamentos.

Questões como a mudança do corpo, as primeiras relações sexuais e os valores culturais, influenciam os conflitos emocionais e a construção da identidade do adolescente, essa é uma fase de transformações, a passagem para fase adulta, a qual requer muita atenção por parte dos pais, educadores e da sociedade.

A palavra “adolescência” vem do latim *adolescere*, que significa “amadurecer”. É entendida como uma fase de crescimento, mudanças significativas pessoais, sociais, corporais e psíquicas, necessárias para a vida adulta. Ela cursa com um aspecto fantástico que é o da fantasia, é uma fase de descobertas, de experimentações em relação à atração e a provação dos vínculos, da rapidez e da intensidade da formação e da separação de pares amorosos entre os adolescentes.

O TEMA E A POSTURA DA ESCOLA.

Constata-se que o tema abordado é bastante atual e presente no cotidiano de todos os profissionais da educação; verifica-se a necessidade da mudança de postura da educação a ser adotada dentro das escolas, em face das manifestações da sexualidade dos alunos, é uma proposta de trabalho que legitima o papel do educador neste campo.

Embora a juventude aja de forma rápida na questão dos enamoramentos e suas peculiaridades, com o surgimento do “ficar” dos anos noventa à atualidade, é interessante destacar o lado negativo desse fato, como por exemplo, o transar por transar. Essa questão requer muita reflexão da família e do âmbito escolar, que deve fomentar críticas reflexivas e construtivas, levando os jovens a analisarem se de fato a maneira como eles vivenciam a sexualidade é saudável para formação da sua personalidade e construção de sua identidade.

A escola também deve ressaltar a transmissão de uma educação que venha a prevenir os adolescentes, emancipando-os das más consequências, instigando-os a refletir sobre suas ações diante da sexualidade, para que eles possam agir de forma responsável, eximindo-se dos conflitos e das inseguranças. Nesse caso, por que ainda o silêncio continua a contribuir para que alguns aprendam a ignorar seus sentimentos e recusar seus desejos? E por que há tantas práticas de discriminações em relação às divisões de gênero?

A sexualidade na escola é uma temática a ser discutida para educar o aluno no sentido de resolver dúvidas, superar incertezas, satisfazer suas curiosidades de adolescente, para então colaborar em todos os aspectos de sua vida, e desta maneira promover reflexões entre educadores, alertando também os pais e a sociedade, com a finalidade de educar a juventude para a vivência do sexualismo de maneira saudável, compreendendo ainda as diversas práticas sexuais na contemporaneidade.

Em pleno século XXI, a orientação sexual ainda vivencia experiências preconceituosas, gerando tabus, ocasionadas por concepções ultrapassadas de muitos docentes, que influenciam de

maneira negativa a trajetória existencial e social da vida sexual de muitos adolescentes, intensificando a não se falar sobre o tema, nas práticas educacionais.

Assim, o importante papel da escola dentro das experiências psicológicas, vivenciado a cada espaço de grupo ainda é superficial, Segundo Foucault (1988, p. 37) “Em torno do sexo eles irradiaram os discursos intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui por sua vez intensificação a se falar dele”.

É importante a escola trabalhar o tema, pois a experiência escolar é a trajetória existencial e social de qualquer pessoa, é nesse espaço de grupo que ocorrem os primeiros namoros, as primeiras relações sociais, onde a vida sexual interfere no desenvolvimento do ser, onde se unem teoria e prática.

Os fatos mais evidentes na sociedade são o caso do sexo como sinal de “banalidade”, as mídias e a escola tentam minimizar através de informações e conhecimento sobre as várias técnicas de prevenção, contracepção e tratamento das doenças sexualmente transmissíveis.

Como salienta Louro (2003. p, 84):

É importante notar, no entanto, que, embora presente em todos os, dispositivos de escolarização a preocupação com a sexualidade geralmente não é apresentada de forma aberta. Indagados (as) sobre essa questão, é possível que dirigentes ou professores (as) façam afirmações do tipo: “em nossa escola nós não precisamos nos preocupar com isso, nós não temos nenhum problema nessa área”, ou então, “nós acreditamos que cabe à família tratar desses “problemas”, a sexualidade ficará fora da escola”. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as reproduz.

É interessante ressaltar que essa ainda é uma realidade que se perpetua de forma constante nas escolas e percebe-se que muitos professores não estão preparados para ver as diferenças com olhar de que isso é natural, que faz parte do ser humano, principalmente, em se tratando das diversas práticas sexuais.

As teorias se articulam com as observações empíricas, como exemplo temos as respostas de alguns alunos ao questionário levantado em algumas escolas de Floriano-PI, com adolescentes entre 13 e 18 anos: Preservamos aqui a identidade dos informantes, em razão da não aceitação dos mesmos. O que é perfeitamente compreensivo.

“Pra falar a verdade aqui na escola nunca falaram de homossexualidade.” (15 anos, Feminino). “A escola não lida com o preconceito, pois vejo diariamente essas pessoas sofrendo bullying por causa de sua opção sexual.” (16 anos, Masculino).

“As escolas de hoje tem muito preconceito”. “No meu ponto de vista os homossexuais estão cada vez mais entre os humanos.” (14 anos, Feminino). “O povo daqui da escola é muito

preconceituoso, eles não gostam de gordo, de magro, de quem tem cabelo duro e principalmente de quem é gay e lésbica.” (14 anos, Feminino).

Depreende-se a partir dessas respostas, que a escola deve refletir sobre essa problemática.

As duas vias, empíricas e teóricas, levam à conclusão de que a escola é o espaço da não sexualidade, não apenas nela vigora, explícita ou implicitamente, a interdição a qualquer manifestação da sexualidade juvenil, como também dela emanam inevitavelmente, recomendações tendentes ao adiamento do seu exercício. A ambiguidade educação sexual que ainda não conseguiu nem sequer em nível de informação, introduzir-se generalizadamente no espaço escolar, hesita ainda em assumir um caráter de verdadeira “orientação escolar”. (GROPPIA, 1997, p. 49).

Discutir essa temática é fazer uma análise sobre a postura dos professores em relação ao assunto, refletindo de fato a maneira de como a escola leva a discussão aos seus alunos. É preciso estar atentos também aos meios de comunicação, para que estes, não venham a intervir na opinião dos jovens, é necessário saber distinguir o que é benéfico.

SEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Foucault (1984) destaca muito bem que para falar de sexualidade como uma experiência historicamente singular suporia, também, que se pudesse dispor de instrumentos suscetíveis de analisar, em seu próprio caráter e em suas correlações, os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que ela refere-se, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecerem como sujeitos dessa sexualidade.

Acreditava-se que nas sociedades modernas o sexo seria um assunto proibido do qual não se ousaria falar. No entanto Foucault destaca a importância do conhecimento da formação do próprio corpo, da sua origem até o domínio de si, e principalmente o reconhecimento da sua identidade.

É interessante a passagem de (Bruns 2010, p. 76.) que:

A população em geral, com ênfase nos jovens vem recebendo, cada vez mais, estímulos à sexualidade. Filmes, novelas, outdoors e revistas mostram como é bom, moderno e saudável fazer amor. O que poucos percebem, entretanto é que o erotismo, neste início de século, acabou virando mercadoria de balcão, um grande negócio, seja no cinema ou nos canais pornô.

Um dos questionamentos a ser debatido é a banalização da sexualidade entre os adolescentes, pelo fato de não saberem lidar com essa situação contemporânea, a qual boa parte da sociedade vê de maneira normal. A sexualidade é vivenciada de forma alienante como se fôssemos animais silvestres, fato que não justificaria mais as práticas afetivas.

As estatísticas da UNESCO (2001) mostram que se aprofundou entre os brasileiros de onze a vinte quatro anos a tendência aos namoras breves mais intensos, que marcaram a adolescência nos anos noventa. Acentuaram-se também, a precocidade e a ousadia dos primeiros relacionamentos, o

padrão vai muito além do que os pais estão imaginando. Nas principais capitais pesquisadas, a idade da primeira vez das meninas é quinze anos, dos meninos catorze anos.

Quase a metade dos jovens que admitem já ter vida sexual plena, contou aos pesquisadores da UNESCO, que se iniciou não com um namorado firme mas com quem ele ou ela “ficava,” o que torna-se para muitos uma relação mais séria, mesmo que paradoxalmente passageira e descompromissada. Antes era um termo novo para uma velha prática a dos beijos e afagos íntimos. E agora?

“A pesquisa da UNESCO (2001) revelou que muitos jovens passaram a transar com quem ficam” é uma mudança e tanto, cujas modificações cedo ou tarde os pais dos trinta e sete milhões de brasileiros entre quinze e vinte quatro anos, terão de abordar com os filhos, e a escola tem que se sentir preparada e adaptada a essas novas modificações, conscientizando os adolescentes a serem cautelosos em suas práticas.

Os estudos brasileiros da década de noventa informavam que aumentavam ano a ano o número de jovens que diziam transar de camisinha. Na pesquisa da UNESCO (2001), esse índice chega a 90%, mas ele caiu drasticamente quando o namoro se consolida.

Diante desse fato, a proposta de se discutir o papel da escola nas questões que envolvam temas sexuais, coloca-nos frente à necessidade de se conhecer mais sobre o assunto, pensando no contexto em que a sexualidade é vivenciada hoje.

Será que as escolas estão preparadas e sabendo lidar com o comportamento e as situações ocorridas com os adolescentes?

Uma incursão de campo realizada (23 a 29 de junho 2011) no município de Floriano-PI, em quatro escolas, sendo duas municipais e duas estaduais das séries: sexta e oitava (fundamental maior) e segundo ano do ensino médio, entre treze e dezoito anos, mostram que de cem alunos:

%	Representação	Escola – municipal ou estadual
60%	A escola não debate sobre educação sexual	Municipal e Estadual
46%	Afirmam que a família não discute sobre sexo e sexualidade.	Municipal e Estadual
62%	Não tem vergonha de falar sobre sexo com os adultos.	Municipal e Estadual
64%	Nunca estudaram sobre a história da sexualidade.	Municipal e Estadual
92%	Acha a sexualidade algo natural.	Municipal e Estadual
96%	Diz não ter preconceito com a homossexualidade.	Municipal e Estadual

98%	Não se importam em estudar com homossexuais.	Municipal e Estadual
76%	Aceitariam a amizade de um gay ou lésbica.	Municipal e Estadual

Quadro demonstrativo 01

Depreende-se, portanto, que as informações disponibilizadas na escola, resumem-se, muitas vezes, a palestras e a panfletos informativos, não há sistematicamente nem continuidade dos trabalhos. Trata-se de ações específicas a temas pontuais com foco muito mais na prevenção do que na promoção da saúde.

Reconhece-se, portanto, por exemplo, como intervenções mais eficazes na prevenção da AIDS, as ações educativas continuadas, que oferecem possibilidades de elaboração das informações recebidas e de discussão dos obstáculos emocionais e culturais que impedem a adoção de condutas preventivas.

Devido ao tempo de permanência dos jovens na escola e as oportunidades de trocas, de convívio social e relacionamentos amorosos, a escola não pode se omitir diante das questões, continuando a ser local privilegiado para a abordagem da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis, aos problemas de aspectos psicológicos e de preconceito contra a homossexualidade.

Analisa-se que os preconceitos, as discriminações, vão se revelando, na maioria das vezes, através das palavras, do comportamento, e no modo como o sujeito expressa-se; é normal levantar questionamentos sobre preconceitos e as pessoas admitirem que não os possuem. Desse modo os valores impregnados na sociedade favorecem desmontar a aceitação dos diferentes tipos de relações consideradas errôneas, por serem distintas das comuns aos indivíduos e principalmente entre os jovens.

O trabalho da educação e orientação sexual contribui para a precaução dos problemas graves como abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas.

Além disso, a homossexualidade traz um outro tipo de relacionamento, que já existia nos séculos passados, mas de maneira mascarada, e que na modernidade ocorre de forma expressiva, pois há “liberdade” na orientação sexual, mas ainda com muito preconceito por uma parte da sociedade. Deste modo o sistema educacional tende a quebrar esse paradigma, principalmente, em relação aos adolescentes que sofrem bullying por sua orientação sexual ser distinta da estipulada pela sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto a atenção à sexualidade é fundamental ao bem estar das pessoas, tanto no que se refere à dimensão da vida social, dos direitos e relações entre homens e mulheres como cidadãos, quanto à dimensão pessoal da autoestima e da vivência saudável da sexualidade.

A inclusão de conhecimentos a respeito de como a sexualidade é vivida em diferentes culturas, tempo e lugares, como se expressam pelo vestuário, cuidados pessoais, regras, intervenções e valorização de comportamentos são essenciais para um aprendizado significativo.

É dever da família e da escola trabalhar juntas na formação desse período de transição para fase adulta, tendo como principal ferramenta o diálogo, debatendo o que eles sentem, seus questionamentos e como pretendem resolver suas contradições, levando-os a ver o sexo como consequência de um sentimento mais profundo e não um mero prazer momentâneo cujas consequências o adolescente não está preparado para enfrentar .

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas - São Paulo: Summus, 1997.

BRUNS, Maria Alves de Toledo e ALMEIDA, Sérgio: **Sexualidade**: preconceito, tabus, mito, e curiosidades. São Paulo: Ed. Alínea, 2010.

Dados da UNESCO. In. **Revista Veja**. São Paulo: Ed. Abril, edição de 13/02/2002.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. São Paulo: Ed. Graal, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 2011.

NUNES, Cesar; EDNA e Silva. **Sexualidade(s) Adolescente(s)**: Uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência- Florianópolis, SC: Shofos, 2001.